Ismael de L. Coutinho

(Para exame)

These

Phenomena magnetismi, spiritismi vel hypnotismi quibus occulta, remota ac futura detegantur diabolica sunt; cetera vero vires naturales transcendere non videntur.

Seminario Episcopal de S. José

Novembro 10 de 1883

Preliminares

Antes de entrarmos no dominio exclusivo da these que nos foi proposta, é mistér que façamos algumas ligeiras, mas não despiciendas considerações.

Á excepção dos antigos epicuristas e sadduceus, dos módernos atheus e protestantes liberaes, não se duvida communmente da existencia dos anjos. Attestando-a claramente, temos a declaração de varios Concilios, muitos lugares da Sagrada Escriptura e a Tradição.

Embóra não possamos estabelecer uma data fixa e certa para a creação dos anjos, é opinião mais commum terem sido elles creados antes do mundo sensivel. Não poucos, todavia, affirmam a concomitancia da creação, acostados ás palavras do Genese: In principio creavit Deus coelum et terram, considerando que naquelle coelum está inclusa, implicitamente, a creação dos anjos. Como acima dissemos, não é intuito nosso fixar a epoca da creação dos anjos, no que talvez não chegaramos a um resultado satisfactoria — tal é a divergencia das opiniões — mas simplesmente lembrar a sua creação, principalmente dos máos, pelo papel preponderante que vão desempenhar no decurso do presente trabalho.

Já é conhecida de todos, para que a rememoremos aqui, a lucta que os anjos bons, capitaneados por S. Miguel, travaram contra

Lucifer e sua bandoria, bem como o conseguinte castigo por Deus infligido aos anjos rebeldes. O odio dos rebellados, que sempre se renova, com a simples recordação do que foram e do que presentemente são, os impelle para um certamen formidando, em que usam das mais vis e hediondas armas contra os miseraveis filhos de Eva, já que se torna impotente contra o auctor dos seus dias. A raiva, que os desespera, não tendo efficacia contra o Castigador dos seus crimes, volta-se toda, intolerante e cega, contra os homens. É a cólera do despeitado, que não podendo encarar de frente o inimigo que combate, busca meios illicitos para triumphar na pugna; cólera tanto mais forte quanto mais terrivel é a enormidade das penas e a duração dos castigos que soffrem. Nem lhes é dada a esperança que, na phrase do Conde de Mousaraz, "é chamma que irrompe dentre as cinzas frias, de melhor tempo e mais alegres dias", porque lhes pesa sobre os hombros a eternidade dos soffrimentos. O infeliz reconhece isto: "Farewell hope! and with hope farewell fear" Adeus esperança! e com ella, adeus temor! Esta ausencia de esperança sorprehendeu deveras Dante, quando deparou, na entrada do inferno, em lettras garrafaes, a terrivel inscripção: "Lasciate ogni speranza, voi che intrate."[2] Deixae toda a esperança, vós que entraes. "Mais pour-

---

1- Paradise Lost – John Milton
2- Divina Commedia – Dante

quoi laisser l'espérance? pergunta Lacordaire. Pourquoi en un lieu où la bonté divine doit se trouver, puisqu'elle est inséparable de Dieu, faut-il abdiquer toute heureuse perspective, si lointaine qu'elle soit"? O orador sacro francez acha a resposta ás suas interrogações num outro verso de Dante, que, pedimos venia para citar em francez: "C'est l'éternelle justice qui m'a fait, et le premier amour".

"Si ce n'était que la justice qui eût creusé l'abîme, continúa, il y aurait du remède, mais c'est l'amour aussi, le premier amour qui l'a fait: voilà ce qui ôte toute espérance."[1]

O unico prazer de Satanaz e dos anjos decaidos consiste em fazer participes das suas desgraças as almas que foram plasmadas pelas mãos de Deus, em estado de santidade e pela sua Providencia enriquecidas. É um modo indirecto de ferir o Altissimo, sem attentarem que até nisso concorrem para sua maior gloria e se fazem instrumentos da sua justiça.

Não obstante a quéda no barathro infernal, os anjos máos conservaram sua natureza angelica, sendo, por conseguinte, dotados de predicados superiores á natureza humana. A estes aliam uma astucia sem limites, uma vontade ferrea de enganar a todos e a tudo. Os factos nos attestam as mais variadas e galezias. Eva, a mãe do genero humano, peccou pelas insinuações mal-

---

1 – Conf. de N.-Dame, 72e conference – Lacordaire

los de um demonio[1] disfarçado em serpente
É certo, que elles nenhuma força têm contra os homens, si Deus lhes não permittir que os assediem e vexem com tentações. Uma vez em acção, desenvolvem uma actividade acima do commum e não poupam esforços para que nas suas sinalhas enredosas e aceradas colham os incautos. D'ahi os prodigios que, ás vezes, momentaneamente nos deslumbram. Phenomenos, cujos effeitos transcendem a ordem natural das coisas. A quem os attribuir? Aos demonios e sómente a elles, como provaremos mais adiante. Dito em ligeiros traços, passaremos ao objecto da nossa these.

These

Phaenomena magnetismi, spiritismi vel hypnotismi quibus occulta, remota ac futura deteguntur, diabolica sunt; cetera vero leges naturales transcendere non videntur.

Os phenomenos preternaturaes que se verificam no magnetismo, espiritismo e hypnotismo hodiernos são, na essencia, quasi os mesmos da magia antiga, de que nos falla a Sagrada Escriptura, em varios passos: Vocavit autem Pharao sapientes et maleficos, et fecerunt etiam ipsi per incantationes aegyptiacas et arcana quaedam similiter.[2]
Passemos, em rapido exame, estes tres pontos da nossa these. Obedecendo a uma certa ordem chrono-

---

1º - D'ora avante, quando tivermos de fallar de um anjo máo, empregaremos a palavra grega Δαίμων, demonio,

logica, appareceu, em primeiro lugar, o magnetismo, depois o espiritismo e finalmente o hypnotismo.
Fallamos aqui do espiritismo, de um modo particular, i. é., o espiritismo tal como se pratica hoje em dia, porque si o considerarmos na sua essencia não lhe podemos determinar uma época exclusiva, por isso que remonta ao berço da humanidade.

I - Magnetismo -

A descoberta do magnetismo animal é attribuida ao medico Antonio Mesmer, que, pelos fins do seculo XVIII, investigando um novo meio de curar, julgou tel-o encontrado num fluido subtilissimo, que suppoz existir no corpo dos animaes. Em consideração ao nome do descobridor, é tambem chamado mesmerismo.
Foi posteriormente desenvolvido por Puységur e Braid.
Para que o magnetismo ordinariamente seja efficaz são necessarios meios adequados e condições uteis.
1 - Meios - São varios os meios que empregam os magnetizadores: gestos e toques no corpo; aspersão de agua; fixidez do olhar; imperio da vontade, manifestado por palavras ou sem ellas; objectos materiaes a que ligam uma certa força magnetica, sufficiente pada, ao simples contacto com a pessôa que se vae magnetizar, induzil-a ao somno.
Comtudo, succede, ás vezes, que só o imperio da vontade do magnetizante effectua o phenomeno da magnetização.
2 - Condições - Varias são as condições[3] exigidas,

---

que na lingua hellenica significa divindade, deidade.
[2] Exod. VII, 11 — [3] De Deo Uno ac Trino, Mazzella -

quer da parte do magnetizador, quer da pessôa magnetizada, as quaes muito se relacionam com a edade, sexo, constituição, temperamento, estado de saúde, etc. Assim as creanças, as mulheres, os individuos rachiticos e enfezados, os nevropathas, etc. difficilmente poderão magnetizar e facilmente ser magnetizados. Estas condições, embóra uteis, não são, todavia de estricta necessidade, porque tambem sem ellas se dão os phenomenos magneticos.

Da parte da pessôa que se vae magnetizar exige-se uma sujeição voluntaria excepto si se tratar de infantes ou loucos. Postos os meios e verificadas as condições, seguem-se os effeitos.

3 - Effeitos - Os principaes effeitos[1] constatados no estado magnetico são: convulsões e effeitos physiologicos diversos, concernentes á diversidade de condição do paciente; paralysia e catalepsia, em que os membros se tornam rigidos e insensiveis; finalmente, o somnambulismo ou somno magnetico, em que o magnetizado, não obstante destituido dos sentidos, vê, ouve, falla, conhece coisas que antes lhe eram desconhecidas, percebe acções que se fazem longe e occultamente. A estes accrescentam alguns o extase magnetico[2], em que se figura ao magnetizado estar desfrutando da visão dos anjos, e com elles confabulando.

4 - Explicações aos phenomenos magneticos - O magnetismo impõe-se hoje de tal sorte que,

---

[1] Synopsis Theologiae Dogmaticae - T-II, pg 492 - Tanquerey - [illegible]-Carolo, l.c. par. I, cap. VIII -

já, qualquer sabio, verdadeiramente digno deste nome, o não póde negar: "Qui talia adhuc negant, non animadvertunt, phenomena ista in publica luce produci coram pluvimis testibus."[1]

Não sendo mais um mytho, mas a realidade, as manifestações magneticas, resta-nos, portanto, que expo nhamos, succintamente, as opiniões dos que as procuraram elucidar. O magnetismo, para uns, não supera a ordem das causas naturaes; está subordinado, para outros, a uma causa preternatural.

Os propugnadores da primeira opinião tentaram explicar os factos magneticos pela existencia de um fluido subtilissimo nos corpos dos animaes, muito semelhante ao que se constata nos mineraes, como no magnete, etc; os defensores da segunda opinião, divergem entre si, na attribuição dos phenomenos á causa preternatural. Assim Perrone, Franco, Caroli e Gury-Balerini affirmam que todos os phenomenos magneticos, sem distincção, estão filiados a uma causa preternatural; outros, simplesmente, os que se referem ao supremo grão do somnambulismo, explicando com as causas naturaes os factos que se verificam tambem no somno commum, no somnambulismo ordinario e em certas doenças nervosas.

Feitos estes ligeiros considerandos, passemos ao espiritismo.

II - Espiritismo -

O espiritismo moderno teve o seu berço nos Estados Federados da America. Data de 1832. Por este an

---

1 - Institutiones Theologicae Dogmaticae - De mundo angelis - pg - 126 - Bernardo Jungmann.

no brincavam distrahidamente tres meninos, espal
mando sobre uma mesa, as suas trefegas e indis
cretas mãos, quando se deu o primeiro phenome
no de rotação da mesa, o qual os deixou devé
ras estarrecidos. Desde então, a mesma experiencia
têm sido feita, em todo o mundo, com resulta
dos perfeitamente analogos. Inaugurou-se para
o espiritismo uma nova phase, na pequena cidade
de Hydesville, pelo anno de 1848. O facto occorreu
deste modo: Numa casa que habitava a familia
Fox, da seita methodista, ouviram-se estrepidos e
rumores, que observados, por dois pequenos que ahi
residiam, lhes indagaram as causas. Estupefactos,
depois de revolverem a casa toda sem que lhes
assignalassem um motivo verdadeiro, concluiram
lá com os seus botões, (si é que os tinham), que
rondava naquillo um agente estranho e des
conhecido. Deliberaram chamal-o ás contas. O es
trangeiro não se fez de rogado e por signaes dis
tinctos deu a entender o que desejava.
O caso fez estrepito e pelo anno de 1854 já era
commum na Europa.
Trataram, portanto, os adeptos da nova revelação,
como elles diziam e affirmou o crelino Kardec), de
melhorar os meios de transmissão dos phenome
nos espiritas. Em vez de objectos inanimados de
veriam ser empregadas as proprias pessôas. Dahi
nasceram então os tristemente afamados mediuns.
Iba-os, segundo a classificação de Allan Kardec,
auditivos, videntes, fallantes, sensitivos, somnambulos, cura
dores, de effeitos physicos, psychographos, pneumatographos,
que sei eu? um pandemonio completo de nomes es

trambolicos e pantafaçudos.

Diversas foram as formas do espiritismo: a manifestação dos espiritos, primeiramente, se fazia por meio da mesa gyratoria, por pancadas subitas em objectos; depois os de... queremos dizer, os espiritos se civilizaram mais e manifestavam suas intenções pela penna — o que já éra algum progresso —; finalmente se dignaram bancar (permitti-me a giria) o corpo do pobre medium e ás vezes, o guk é mais, até materializar-se.

São de duas especies os phenomenos espiritas: phyeicos e intellectuaes.

Phenomenos phyeicos — Os principaes são: 1º fragor da mesa, que se alça nos pés e depois declina, emittindo respostas pelas pancadas que dá no soalho, quando não prefere os pés dos assistentes; 2º o estrepido causado por objectos affixados á parede ou espalhados pela sala em que se faz a experiencia, os quaes se movimentam temporariamente, voltando depois á posição anterior; a levitação[1º] do estrado ou banco em que se assenta o medium; a apparição repentina de fogos ou luzes de varias côres; os estupendos factos de materialização.[2º]

Phenomenos intellectuaes: — Pelas pancadas da mesa, pela escripta ou pela conversação com o medium possuido do espirito, descobrem-se, ás vezes, coisas occultas e secretas. Os phenomenos verificados são: 1º a manifestação de factos que se realizam em lu-

---

1º — O phenomeno da levitação consiste em o estrado ou mesa por uma força occulta elevar-se no ar — 2º Os phenomenos

gar distante, como: a morte ou doença de alguem, a descoberta de um objecto perdido ou collocado em lugar occulto; 2º a pronunciação pelo medium de palavras vagas e desconnexas, não raramente misturando coisas falsas com verdadeiras; 3º o accommodamento das respostas, dadas pelo espirito, ao meio em que se manifesta; 4º as commoções violentas que experimentam as mesas quando tocadas por coisas sagradas e religiosas, e o mêdo que tem o espirito de encarnar-se, quando fareja no ambiente a existencia de objectos da devoção christan — Não é certo si pode penetrar o segredo do coração e prevêr factos que ainda não se realizaram.

Feitos estes ligeiros reparos, entremos na ultima questão da nossa these.

III - Hypnotismo.

O hypnotismo teve por Doctor Braid, que viveu ahi pelo anno de 1841. Não é mais do que o magnetismo destituido dos phenomenos superiores. As experiencias de Braid não pareciam superar a ordem physiologica. Tudo muito natural, restricto ás causas naturaes. Era, apenas, o somno hypnotico, cataleptico, etc. Bem longe estava, portanto, de suppôr a transposição dos sentidos, a visão á distancia. As causas geratrizes ou productoras dos phenomenos hypnoticos são explicadas por uns, ainda hoje, conforme a cathegoria dos phenomenos verificados, como naturaes ou preternaturaes.

---

de materialização effectuam-se pela subita apparição de uma qualquer parte do corpo ou ainda do corpo inteiro,

O hypnotismo é caracterizado pelo somno hypnotico que se obtem por varios meios: pela palavra imperiosa do hypnotizante, pela fixidez do seu olhar, sobretudo pela pressão das chamadas zonas hypnoticas.

Especies de phenomenos. Verificam-se tres especies de phenomenos no hypnotismo: somaticos, intellectuaes e mixtos. Os primeiros, assim denominados porque affectam principalmente o corpo (em grego σωμα, soma), são a catalepsia, a lethargia e o somnambulismo. No estado de catalepsia, o corpo adquire a immobilidade da estatua, permanecendo na posição que lhe imprimiu o hypnotizante; no estado de lethargia, os olhos, antes fechados, se abrem e instinctivamente se dirigem para o hypnotizante, emquanto os membros se tornam rigidos como a cêra. Qualquer movimento esboçado pela pessôa que exerce o hypnotismo, é terminado pela hypnotizada. No estado de somnambulismo, o paciente parece conservar a sua sensibilidade: vê, ouve, falla e opera, sem que, todavia, seja senhor de sua vontade, que está inteiramente á discreção de uma força extrinseca, para elle extranha.

O principal phenomeno da especie intellectual é a suggestão mental, que póde ser exercida, sobretudo no estado de somnambulismo. Sob o imperio desta suggestão o paciente executa tudo que lhe é ordenado. Estas suggestões podem durar semanas e até mezes.

Os phenomenos, chamados mixtos, são produzidos por meio da imaginação, taes como: o suor de sangue, a sensa

---

no recinto em que se fazem as experiencias.

ção de frio, de calor, etc.

Até aqui nos temos limitado a descrever, em largos traços, os principaes phenomenos magneticos, espiritas e hypnoticos. Agora entraremos definitivamente no dominio da these que nos foi proposta. Dividil-a-emos em duas partes: uma em que os effeitos são de tal maneira estupendos, que só os podemos attribuir aos demonios; outra, em que os effeitos suppõem uma causa puramente natural.

1ª Parte: Phenomena magnetismi, spiritismi vel hypnotismi quibus occulta, remota ac futura deteguntur, diabolica sunt.

1ª Prova. Esta prova fundamental da nossa these tiramol-a da doutrina ecclesiastica. Com effeito, o Ritual Romano não póde ser mais claro: Signa obsidentis daemonis sunt: ignota lingua loqui pluribus verbis, vel loquentem intelligere: distantia et occulta patefacere; vires supra aetatem seu conditionis naturam ostendere, et id genus alia. Ora, no magnetismo dão-se factos desta natureza; portanto são produzidos pelo demonio (causa preternatural).

2ª Prova — Os phenomenos do magnetismo, do espiritismo, etc. do mesmo modo que hoje, antigamente entre os Ethnicos, sempre pelos Santos Padres e pelos philosophos pagãos foram attribuidos a uma causa preternatural. Portanto, o mesmo devemos affirmar hoje. Esta prova é tirada da tradição. Como demonstraremos adiante, esta causa preternatural não póde ser outra que o demonio.

Provamos o antecedente: a paridade dos phenomenos. As mulheres (Pythias)[1], refere-nos Plutarcho[2], caiam

numa especie de hallucinação, em que prognosticavam sobre o futuro, fallavam de coisas desconhecidas com exactidão, diagnosticavam medicinas certas para a acquisição da saúde; Ammiano Marcellino[3º] e Sozomeno[4º] fallam-nos de mesas que se moviam (tripodes), emittindo respostas por meio de um annel pensil. Como vemos, os meios usados eram os mesmos e os phenomenos obtidos semelhantes.

Embóra pagãos e Padres da Egreja estivessem de accôrdo em que os phenomenos constatados suppunham causa extranha e preternatural, divergiam todavia, na maneira de julgal-a. Os pagãos attribuiam-n'as ora aos demonios, ora aos deuses, conformes ao fim que tendiam os phenomenos. Si eram para utilidade dos homens, tinham como auctores os deuses immortaes; no caso contrario, os genios maus ou demonios. Os santos Padres, quasi unanimemente, viam naquelles factos o dedo visivel do maligno. Assim Tertuliano[5º], Cyrillo de Alexandria[6º], Jeronymo[7º], Agustinho[8º] e Eusebio[9º].

3ª Prova - I - Quanto ao magnetismo. A causa adequada de certos phenomenos magneticos, taes como: revelar factos occultos e futuros, coisas realizadas em lugares distantes, etc. não póde ser senão uma gente dotado de intelligencia. Este, é claro, que não é nem o magnetizante nem a pessôa magnetizada: Nemo dat quod non habet. Resta, portanto, que se admitta nisto uma causa es-

---

1º - Eram assim chamadas as sacerdotizas de Apollo. Melhor hoje dizemos pythonizas — 2º De Pythiae ora

estranha e praeternatural, adequada a estes phenomenos admiraveis.

Provamos a menor – Não é o magnetizante: 1º a magnetização effectua-se, ás vezes, á distancia. Ora, o magnetizante não pode agir in distans[1º] e só pelo acto da vontade[2º]. Portanto, suppõe um outro agente.

2º O agente magnetico apparece, muitas vezes, diverso e independente do magnetizador, agindo contra a previsão e vontade delle. Portanto, não póde ser o magnetizador a causa adequada do phenomeno da magnetização.

3º Ha muitos phenomenos, como o da clara visão, que superam o ambito e forças da nossa intelligencia. Ergo, não pódem ser attribuidos ao magnetizador.

4º Verificam-se casos de magnetização sem o minimo influxo do magnetizador, o que o exclue positivamente do pól das causas.

Não é a pessôa magnetizada: 1º A pessôa magnetizada soffre, muitas vezes até contrariada, a acção magnetica. Ergo, não é ella a causa dessa acção; 2º ha phenomenos no magnetismo, como dissemos acima, que ultrapassam evidentemente a esphera e limitação da intelligencia humana; ora o magnetizado é uma creatura humana. Portanto não póde ser causa delles.

Não é, nem á nossa intelligencia póde ser attribuida a existencia, ou melhor a verificação de certos phenomenos que acima mencionamos (nº 3). Com

---

culis et de defectu oraculorum – Plutarcho — 3º L. XXIX, c. 1 — 4º L. VI, c. 35 — 5º Apolog. n. 23 — 6º in Ocean, c. 24

effeito, a nossa intelligencia se determina para o conhecimento por meio do objecto: sem essa determinação não se dá o conhecimento. Mas o magnetizado revela coisas que ignora, como: acontecimentos futuros, factos realizados em paizes distantes, objectos occultos, etc. E' logico, pois, que isso não é adequado, ou antes está manifestamente acima do intellecto humano. Demais, é proprio da natureza da nossa intelligencia, que adquiramos gradativamente os nossos conhecimentos, com esforço mais ou menos arduo e longo. Os magnetizados, porém, embóra nescios e rudes, disputam, com subtileza admiravel, questões intrincadas de sciencia, designam com exactidão remedios para varias molestias, fallam em lingua estranha, etc. Portanto, estes effeitos excedem a capacidade da nossa intelligencia.

Quanto ao espiritismo - Tudo o que dissemos a respeito do magnetismo, mutatis mutandis, a fortiori, podemos repetir acerca do espiritismo, no qual objectos inanimados respondem, por meio de signaes, ás perguntas que se lhes fazem, e abundam os phenomenos extraordinarios de levitação, etc. que excluem positivamente a possibilidade de meras causas naturaes; em que os espiritos apparecem, fallam, manifestam coisas que jamais pessôa humana poderia saber.

Quanto ao hypnotismo. Como o hypnotismo tem pontos de contacto com o magnetismo muito estreitos, deixamos aqui de apresentar sobre elle nossos ar-

---

7º in eumdem Oseae loc. — 8º De Civit. Dei, c. 24 — 9º De Praep. Evang. — Philosophia scholastica - n. 133 - Far

gumentos, porque os reservamos para mais tarde. Enviamos o leitor á consideração do que dissemos sobre o magnetismo.

4ª Prova – A causa dos phenomenos magneticos, espiritas, &c não póde ser senão o demonio. A causalidade de taes phenomenos só poderia ser attribuida aos homens, a Deus, aos santos Anjos, ás almas dos mortos, ou aos demonios.

1º – A incapacidade do homem para produzir taes prodigios já deixámos consignada atraz.

2º – Deus tambem não será, por certo, a causa desses phenomenos. Repugna, pois, que a Omnisciencia divina se rebaixe á ponto de, ao simples alvedrio de qualquer basbaque, que execute acções permaneçam completamente indifferentes ao nosso bem e progresso, quando não sejam claramente insultuosas á moralidade publica, como acontece não poucas vezes no espiritismo. Não, Deus nunca fará dansar mesas e coisas deste jaez, para contentar a velleidade de uns tantos bonifrates. Attribuir-lhe tal causalidade é deprimil-o, é fazer de Deus um pessimo conceito.

3º – Não são os anjos. Os anjos foram creados para o serviço de Deus. Ora, os phenomenos magneticos, espiritas, &c, não fazem parte do serviço de Deus. Portanto, não são os anjos que os executam.

Ouço, porem, antecipadamente, a objecção que me podem fazer. Na verdade taes phenomenos não estão incluidos no serviço de Deus, mas elle, nada obsta, que os mande executar. A isso, respondemos, como acima, que repu

---

ges et D. Barbedette – 2 Este modo de operar pertence exclusivamente a Deus. No homem esse acto da vontade é puramente

gna andar a infinita sabedoria envolvida em taes peloticas.

4º Não são as almas dos mortos — Segundo a doutrina da Igreja e o senso commum dos povos, depois que as almas abandonam seus corpos neste valle de miserias emigram para o paraiso, para o purgatorio ou para o inferno. As que fruem da presença de Deus, por certo, não se dignarão afastar do objecto que constitue toda a sua felicidade, para descer cá, á nossa terra, afim de divertir com traquinas e maniversias uma platéa de sevandijas e bandarras; as que estão no purgatorio, idem, porque, submettidas á jurisdicção de Deus como estão, nunca[1] Elle lhes permittirá o egresso para satisfazer a curiosidade de papalvos e sacripantes. Demais, estas almas, si pudessem, com certeza, não quereriam, de lá sair, porque o seu maior desideratum é a abreviação das penas que soffrem, cujo effeito seria contraproducente, si concorressem para a realisação de tantas fraudes e embustes, que se notam, por exemplo, no espiritismo. Mesmo aquellas que padecem no inferno as torturas que mereceram seus crimes, de lá não podem sair para produzir os prodigios que temos assignalado, porque estão sob a colera do Altissimo, que, para maior tormento, não lhes concederá que se furtem aos castigos que lhes são infligidos no reino de Plutão.

Ensina Sto Thomas que as almas, separadas dos corpos por virtude natural, não os podem mover, nem saber o que se passa aqui pelo mundo. Não se podendo effectuar

---

1º Não quizemos dar ao vocabulo o sentido absoluto, porque sabemos que, ás vezes, para o cumprimento dos seus inscogni-

por virtude natural, só um milagre a poderia explicar. Mas, quem ha ahi tão parvo e idiota que julgue Deus estar, continuamente, sem necessidade, operando milagres em favor do magnetismo, espiritismo, etc? Não, Deus não é nenhum baltimbanco ou prestimano, que, diante de um publico indiscreto e rachambado, que não se recommenda muito pela honestidade de vida, vá, atabalhoadamente, desdobrando os arcanos infinitos da sua excelsa sabedoria. Não, Deus, nunca! A conclusão, portanto, unica e verdadeira, logica e prevalente, a despeito das caranunhas e bisagens dos amorcos do magnetismo, espiritismo, etc, é que taes prodigios só os demonios os podem executar. É terrivel a conclusão? A verdade, ás vezes, tem desses contrastes. Revelada sem ambages, com o rigor de uma dialectica implacavel, vista num plano em que não ha miragens nem catasoes, é pesada, causa nauseas, comtudo, é a verdade. Perguntemos aos pharisens os effeitos que sobre elles tinham as palavras de Jesus. Ascas a crepitar em chammas. Jesus exagerava? Não. Raça de viboras, por ventura, não é a locução apropriada a um povo máu, que lançava botes a cada momento aos seus semelhantes, sophista, exterior? Não ha negar.

Voltemos ao nosso assumpto. Sendo os demonios mais astutos, mais solertes e trampolineiros, ainda que a egressão do Orco fosse permittida ás almas condemnadas, elles lhes não confiriam o encargo de exhibir

---

tos deuguns permitte Deus que as almas saiam do lugar em que as collocou sua justiça e se manifestem aos

os prodigios acima citados, por medo de que o negocio não ficasse tão limpo, como por elles executados. Mais uma vez, repetimos, os phenomenos preternaturaes que se verificam no magnetismo, espiritismo, etc, suppoêm uma causa preternatural, que não póde ser outra que o demonio.

5ª Prova - Entre a causa e o seu effeito deve existir uma certa proporção. Ora, as causas que se empregam no magnetismo, (espiritismo) e hypnotismo (como: toques no corpo, fixidez no olhar, imperio da palavra, etc) nenhuma proporção parecem ter com os effeitos verificados. Portanto, não são essas as causas, mas suppoêm a existencia de uma outra occulta.

6ª Prova - O effeito natural tem causas determinadas, de tal modo que não póde ad libitum ser produzido por qualquer genero de causas. Ora, quasi todos os meios são empregados para a acquisição de phenomenos magneticos, hypnoticos. Ergo, o effeito não é natural, suppondo, por conseguinte, causa tambem não natural, ou preternatural.

7ª Prova - O effeito natural procede da natureza da causa, não, porém, da força de vontade do homem. Ora, todos os phenomenos do magnetismo, hypnotismo procedem da vontade do homem, que, quando quer e no lugar em que quer, magnetiza e hypnotiza. Portanto, o effeito não é natural.

---

homens por um milagre. Temos factos deres na Sagrada Escriptura, na vida dos santos, etc. O caso aqui é outro.

8ª Prova - Attestam muitos medicos que o magnetismo e o hypnotismo são estados pathologicos do systema nervoso. Os phenomenos, porem, de qualquer doença natural, não surgem inesperadamente, nem abandonam o paciente repentinamente, como os magneticos e hypnoticos. Ergo, não são naturaes.

Note-se, aqui, de passagem, que as provas 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, só visam o magnetismo e o hypnotismo. Como será manifesto ao leitor, não demos muito valor ás provas 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, porque, ellas tencionam explicar os phenomenos mais conhecidos do magnetismo e do hypnotismo, como o somno, a hallucinação, etc, como consequencias de agentes ou melhor de causas extranormaes, as quaes consequencias, na nossa trabalho, 2ª parte, esforçavemos por explical-as, como effeitos de causas naturaes. Adduzimol-as, aqui, para maior amparo da nossa argumentação. Si os phenomenos mais communs do magnetismo e do hypnotismo são attribuidos a causas extraordinarias por alguns, com muito mais razão os, propriamente, preternaturaes.

Com esta ultima prova, rematamos a primeira parte da presente these. Passemos agora á segunda parte.

2ª Parte -: Cetera vero leges naturales transcendere non videntur.

1ª Prova: — A Encyclica do S. Officio[1] estatue quaes são os phenomenos de causas preternaturaes: "Quamquam generali hoc decreto satis explicetur licitudo aut illicitudo in usu aut abusu magne-

tismi; tamen adeo crevit hominum malitia, ut neglecto licito studio scientiae, potius curiosa sectantes magna cum animarum jacturâ, ipsiusque civilis societatis detrimento, ariolandi, divinandique principium quoddam se nactos glorientur. Hinc somnambulismi et clarae visionis, uti vocant, praestigiis mulierculae, gesticulationibus non semper verecundis abreptae, se invisibilia quaeque conspicere effutiunt, ac de ipsa religione sermones instituere animas mortuorum evocare, responsa accipere, ignota ac longinqua detegere, aliaque id genus superstitiosa exercere ausu temerario praesumunt. In hisce omnibus, quacunque demum utantur arte vel illusione, cum ordinentur media physica ad effectus non naturales, reperitur deceptio omnino illicita et haereticalis, et scandalum contra honestatem morum.

A Encyclica falla sómente dos prestigios da clara visão, pelos quaes se descobrem coisas invisiveis, occultas e desconhecidas, etc, omittindo os outros; o que a suppôr nos leva, que os phenomenos de ordem inferior, não superam as leis naturaes, ou pelo menos, póde ser discutida a sua procedencia. Portanto, nada obsta que attribuamos a sua causalidade aos agentes naturaes.

2ª Prova — No somno natural ou provocado por substancias soporiferas e anesthesicas (opio, haschisch, chloroformio, etc), principalmente nas doenças nervosas, conseguem-se muitos effeitos do magnetismo e hypnotismo, taes como: a insensibilidade perfeita,

---

1º — Esta Encyclica saiu á luz da publicidade no dia 30 de julho do anno de 1856.

a hallucinação dos sentidos, paralysia dos membros, &c. Por conseguinte, póde acontecer e nem é impossivel que a causa desse magnetismo seja uma força natural ou fluido, meramente physico, que actue sobre o paciente, do mesmo modo que os narcoticos supracitados.

3ª Prova – Ha mais facilidade e até possuem uma certa predisposição para ser magnetizadas ou hypnotizadas as pessôas que soffrem do systema nervoso. Ora, si o somno hypnotico com os outros phenomenos inferiores consequentes se attribuisse, exclusivamente, a uma causa preternatural, não saberiamos como explicar a influencia daquella condição meramente physica. Ergo...

4ª Prova – É doutrina communmente acceita, que se deve explicar por causas naturaes os effeitos que parecem não exceder as forças da natureza. Ora, verificam-se no magnetismo effeitos semelhantes, em tudo, aos produzidos por causas naturaes. Portanto, devemos attribuil-os a causas naturaes. (Vêr pg. 21, 2ª Prova)

Citamos a este respeito a opinião de Lehmkuhl: "Ram ut recte plane insolita accidere posse in homine nervorum et cerebri alteratione atque omnino naturali modo, certissimum est; immo hallucinationes stupendas aliquando naturali omnino modo fieri constat. Sive autem putas quemlibet hominem facili ratione in ejus modi statum se inducere posse, sive potius morbidam quandam nervorum affectionem requiri: semper habes naturalem agendi modum."

Pelo desejo de brevidade deixamos de adduzir aqui muitas outras provas, mais ou menos discutidas, que

poderiam corroborar essas que no nosso presente trabalho apresentamos, para fazermos umas ligeiras considerações sobre o hypotismo e o espiritismo.
Voltemos, pois, novamente ao

Hypnotismo.[1]

Na segunda parte da nossa these, esforçamo-nos por demonstrar que certos phenomenos do hypnotismo se explicam, naturalmente, por causas communs e de acôrdo com a ordem estabelecida nas coisas mundanas. Como póde ser que haja algum desprevenido que ouse tirar do que escrevemos alguma illação falsa, tornamos ao assumpto. Affirmámos que certos phenomenos do magnetismo e do hypnotismo não superam as leis naturaes; não queremos com isso — e bem longe de nós tal pensamento — dizer que o uso do hypnotismo, quanto aos phenomenos inferiores, seja por conseguinte facultado. Não. Concluam lá como quizerem, menos que seja por nós abonado. o seu uso.
Bastaria por si o perigo dos phenomenos superiores, para nos afastarmos completamente do seu uso.
— Mas, póde objectar-nos algum medico, devemos, por isso, abdicar de um meio therapeutico tão facil e efficaz?
A isto responderiamos com firmeza: está plenamente averiguado que o hypnotismo é factor poderoso de cura?

---

1 — Tratamos aqui mais especialmente do hypnotismo pela maior influencia que exerce actualmente nas camadas

— Sim, contrapoz-lhe elle

— Sim e não, objectariamos nós. E demonstrariamos. O hypnotizador produz no paciente um estado psychico e physico extremamente perigoso. Abaixa e diminue a personalidade humana, enfeza e amesquinha a alta e necessaria potencia das nossas mais elevadas faculdades. Não pódemos, de modo nenhum, ficar apathicos diante do quadro que nos offerece uma pessôa magnetizada[1]. Um grande sentimento de compaixão abala todo o nosso ser, quando deparamos o escravo que se nos atravessa no caminho, arrastando as ferropeias que lhe cinchan as já descarnadas pernas. Sentimento egual experimentamos á vista de um hypnotizado. Seccciona o hypnotizador as duas faculdades mais nobres do homem, o intellecto e a vontade, transformando-o em um mero automato, que vae executando bestialmente, estupidamente, as acções que lhe são suggeridas. Não é deveras lastimavel? Ainda não é tudo. Que? Ha, então, alguma coisa peior do que esse estado de loucura calma e resignada? Ha coisa peior, muito peior.

O homem que se deixa hypnotizar frequentemente, é um escravo completo. Deixa de raciocinar, deixa de querer, para só cogitar e querer o que quer e pensa o hypnotizador. A humanidade se revoltou indignada contra o facto da escravidão dos negros, não obstante, parece consentir nesta nova escravidão, do homem civilizado.

---

scientificas — 1ª hypnotizada, porque é do hypnotismo que aqui tratamos —

O estado deploravel do misero que soffre a acção do hypnotismo é bem caracterizado por Mons. Élie Méric:[1] "En suspendant ainsi, ou en détruisant la force de résistence qui est dans l'homme, en habituant un sujet à accepter sans protestation au commandement de la parole ou du geste, la suggestion de l'hypnotiseur, on fait de ce sujet un être inutile qui se laisse emporter comme l'atome dans le tourbillon des décompositions matérielles, on le dégrade, on lui fait perdre le sentiment de la personnalité et de la responsabilité".

Não é só a alma que soffre a influencia deleteria do hypnotismo, mas esta tambem se faz sentir profundamente no corpo. O hypnotizado adquire instinctivamente uma predisposição morbida, contra a qual não lhe vale luctar, uma especie de indolencia e desanimo, que o faz dormir, mesmo sem o concurso do hypnotizador, ao simples contacto com determinada causa physica. É como bem diz Mons. Élie Méric, um ser inutil.

Devemos, por conseguinte, usar de um meio therapeutico que tem consequencias tão desastrosas? Fica ao leitor a resposta. Para a cura de uma molestia, muitas vezes passageira, questão de tempo, etc, inutiliza-se uma pobre creatura de Deus. É faltar aos mais comesinhos principios de philantropia.

Fundou-se ha pouco, sob a sabia e prudente direcção do professor Dejerine, na Salpêtrière, uma nova escola que não partilha, a respeito do hypnotismo, do enthusiasmo dos discipulos de Charcot e de Bernheim. Antes, pelo contrario, segue uma directriz contraria. As suas

---

1º L'imagination et ses prodiges. Deste livro utilizamos muito nesta parte do nosso trabalho.

sabias observações, estribadas em curas obtidas, levam-n'os a ensaiar um methodo de tratamento, chamado psycho-terapia, sem que seja necessario que o doente abandone nas mãos do medico a sorte da sua vida. Os resultados alcançados são promissores do mais estrondoso e completo triumpho. Ao tratamento por hypnotismo e suggestão contrapuzeram a persuasão, a bôa alimentação, o reposo, etc.

— Mas, podem oppor-me, isto é uma opinião pessoal e isolada, que nenhuma força tem contra a maioria, que admitte a excellencia do hypnotismo, na cura das doenças? Não é tal. São muitos os medicos, verdadeiramente sabios, que condemnam o hypnotismo como meio therapeutico. Diz-nos Briquet[2]: "Não é necessario empregar a fascinação como meio de tratamento geral da hysteria; póde-se, quando muito, servir-se d'ella passageiramente, como de um meio para acalmar algum accidente importante. As inhalações de chloroformio produzem os mesmos resultados que a fascinação; adormecem por um tempo mais ou menos longo, mais commummente, porém, os accidentes reapparecem" Escreve o Dr. Brachet[3]: "Estes meios[1] de que a therapeutica esperava tão grandes maravilhas contra as affecções nervosas já não são mais frequentemente usados."

Mais severo a este respeito é o Dr. Gilles de la Tourette que nos deixou estudos importantes sobre o hypnotismo e a suggestão. "O hypnotismo, escreve, não é mais do que um paroxismo hysterico, que em lugar de ser espontaneo, se provoca; age do mesmo modo que o paroxismo, modificando profundamente o campo hysterico.

1º - Refere-se ao magnetismo e á electricidade — 2º Dr. Briquet, L'hystérie, pg. 645 — 3º Dr. Brachet, Traité de l'hystérie, pg 427

"Antes, pois, de tentar a hypnotização, é mistér fazer um estudo armado da doença e dizer que mais se arrisca, ás vezes, do que se ganha. Qual será a attitude de um medico que, em therapeutica, se postou diante de um attaque que provocou e para cuja repressão é muitas vezes impotente?

"Quando um individuo tem sido hypnotizado frequentemente, não é raro vel-o recair, espontaneamente, sob a influencia da mais fortuita provocação, num estado semelhante ao que já experimentou." 1º

Mais frizante ainda é o que este arguto observador diz em outro livro: 2º "O que deve ter constantemente presente ao seu espirito o medico que tenta occasionar o somno artificial, é que não póde saber antecipadamente si os effeitos que vai produzir não serão, em vez de curativos, simplesmente desastrosos."

Escreve o Dr. Levillain: 3º "É mistér não esquecer que esta arma poderosa é uma arma perigosa, em razão dos accidentes nervosos que póde occasionar, crises de hysteria, accessos de mania, mesmo a loucura; não é raro, com effeito, provocar crises, produzil-as, mesmo em individuos que nunca as experimentaram, insistindo, sem motivo valioso, sobre as manobras de hypnotização, perto dos enfermos que as acceitam mal."

Affirma o Dr. Dupré: 4º "Desenvolver este modo pathologico de crença (o hypnotismo), é contribuir para a ruina da personalidade e para o estabelecimento do regimen do automatismo."

Assevera o Dr. Grasset: 5º Não é preciso ir pedir á hypnose

1º - Dr. Gilles de la Tourette, Traité clinique et thérapeutique de l'hystérie, pg. 583 — 2º Hypnotisme et suggestion, pg. 253 — 3º

a cura de um estado puramente mental, nem mesmo de uma nevrose grave e profunda como a hysteria".

Em vez de curar o hypnotismo provoca, ás vezes, no que a elle se submette, um verdadeiro estado de hysteria. É o que nos diz o Dr. Dupré[1]: "Mesmo entre as mãos de um medico competente, com muito mais razão entre as de um ignorante, a pratica do hypnotismo póde accarretar, no dominio medico, consequencias de ordem pathologica assaz variadas; umas immediatas, outras afastadas; umas benignas e passageiras, outras serias e tenazes... Entre os agentes provocadores da hysteria, o hypnotismo figura na primeira plana, pelas razões de affinidade fundamental que mais acima temos indicado...

O hypnotismo dá ao sujeito taes habitos de automatismo e de servidão, que Wundt não receou de taxal-o de uma immoralidade. Com effeito, escreve o Dr. Binet[2]: "No hypnotismo temos uma tentativa de sujeição de uma intelligencia, e é isto o que Wundt considera uma immoralidade: o individuo torna-se uma coisa de que dispõe o experimentador; carrega-se sobre elle até que seja vencida sua resistencia e se complete sua submissão, sendo o resultado desta tentativa fazel-o mais suggestivel e servil para outra occasião.

Bastam as opiniões que acabo de citar para concluirmos pela condemnação do hypnotismo como meio therapeutico.

Como não temos por costume destruir sem nada

---

[1] Bernheim, La neurasthenie — [2] Dr. Duprat, Gazette des sciences médicales, outubro de 1892 — [3] Hypnotisme et suggestion, pg 368

edificar, não queremos despedir o leitor (que talvez pos-
sa ser um medico partidario acerrimo do hypnotismo)
sem lhe offerecer um substituto efficaz e poderoso,
que preencha a contento, para não dizer melhor-
mente, o lugar do hypnotismo. A psychoterapia, em-
bora ainda em começo, parece que seria a ultima
palavra, a não ser que os adeptos do hypnotismo
olhem mais alto e descubram na religião, como
o Dr. Felicio dos Santos, o meio unico e salvador. Ouçamol-
-o a respeito de uma cura, em que o hypnotismo
nada pode conseguir:

"Fui chamado a medicar uma menina de uns doze
annos, na qual se manifestaram subitamente phe-
nomenos de energumenismo que resumirei por serem
bem conhecidos. Alterações de caracter, irritação, impacien-
cia, aversão a certas pessoas, odio aggressivo a outras, lo-
quacidade exaggerada e desordenada, gritos, insultos,
injurias, impulsões destructivas e insomnia... A menina
tivera uma educação moralissima que excluia o co-
nhecimento de certos termos indecentes que inconscien-
temente empregava.

Apezar de repellir qualquer pessôa extranha que del-
la se approximava, com geito e paciencia pude ganhar-
lhe a necessaria tolerancia para empregar a hypnose.
Apenas consegui com muito esforço fazel-a adormecer,
mas só mal obedecendo a algumas suggestões ver-
baes de automatismo motor...

Voltando no dia seguinte, soube que logo depois de
minha partida renovára-se o energumenismo. Volteiá

---

* Dr. Dupré, L'hypnotisme devant la loi — 2º Dr. Binet, La sugge-
stibilité, pg. 242 —

noite; nada adeantei ao que conseguira antes.
Lembrando-me do conselho de Mallet no seu curioso livro "Nevroses possessionaes" propuz á familia remover a paciente para outro bairro. Assim se fez.
Tentei a hypnose na nova residencia da familia, sem melhor exito.
Fui, então, informado que aquelle extranho caso surgira subitamente nas vesperas da primeira Communhão da menina, que, para esse acto, se preparára confessando-se mais de uma vez. Veiu-me a idéa de aproveitar ligeira calma, embóra sempre vigil, que eu conseguira quando lhe falava sem que outras pessôas a distrahissem. Fiquei só com ella, que se deitára no assalho, recusando levantar-se. Propuz-lhe, com delicadeza, commungar.
— Acceito — disse ella buscamente — mas ha de ser amanhã mesmo.
Communicando eu essa promessa á familia, disse a mãe que não era possivel attendel-a, porque não fizéra ainda o vestido apropriado.
— Que importa isso? — disse eu. — É um remedio urgente e no qual devemos confiar.
No dia seguinte, commungou a menina na egreja proxima. Foi agua fria na fervura. Immediato e definitivo restabelecimento.[1]
O Dr. Felicio dos Santos relata com uma simplicidade que encanta como deixou o hypnotismo e se valeu da religião. Eis a sua narração:
"Naquelle tempo, já inteiramente convencido da natureza demoniaca dos factos espiritas[2], professando francamente

---

[1] Dr. Felicio dos Santos — Casos reaes a registar, pg 122 — [2] A publicação é nossa

o catholicismo, continuava em a praticar o hypnotismo. Re-
putava ser licito um processo therapeutico de valor in-
comparavel em certos casos, embóra já desconfiasse muito
de suas illusorias applicações pedagogicas ou prospedeuti-
cas, e o regeitasse in limine como instrumento de prova judi-
ciaria.

Tambem lhe reconhecia os perigos, de accôrdo com a opi-
nião de auctores insuspeitos. Parecia-me muito de receiar
o enxerto do mediumnismo espirita numa pratica em
que eram tão manifestas as condições de receptividade
do paciente, quando perdia a personalidade. Quem garan-
te ao proprio hypnotizante que não escape ao seu domi-
nio o hypnotizado? Não córre o mesmo temerario agen-
te o risco de ser engazoupado, enleiado, arrastado, sup-
pondo estar dirigindo, como a mosca do carro, da fabula?
E gravissimas circumstancias occorrem quasi geralmente
— a presumpção da propria superioridade, da posse de
um dom supremacial, de uma força ou energia avas-
salante... um fluido proprio...

E o incenso inebriante do vulgo ignaro que o admira
quasi como um genio, um sabio especialista, podendo cla-
mar com vaidade: — non licet omnes adire Corin-
thum!...

Olhando naquelle quadro da Lição na Salpêtrière,
de Charcot, que a tanta gente tem embasbacado, a figura
soberba do celebre clinico dominando aquellas hystericas,
qual Neptuno compondo os ventos desencadeiados, ou ou-
tro padre Côte crucificando as convulsionarias de S. Medard,
no seculo XVIII, parecia-me bem possivel haver um profes-
sor mais habil, que invisivel e delle fazia titere com que
brincava.

A hypothese tem sido prevista por alguns auctores

O dr. Lapponi chama a esses casos hypno-espiritismo e os regeita na clinica séria e honesta; mas, onde está a linha divisoria, não o diz nem o sabe.
Todavia, apezar desses precalços, entendia eu que se poderia utilizar o hypnotismo em casos determinados, com as necessarias precauções, sempre com intenções rectas e só para allivio dos doentes.
Demais, empregando energias mysteriosas, procedia sempre escrupulosamente com a maior correcção, nem querendo já mais receber estipendio algum de taes applicações.
Deveriamos nós, os catholicos, abrir mão de uma therapeutica efficaz para deixal-a exclusivamente aos impios?
Não eram uns exaggerados, uns intolerantes, uns atrazados, aquelle jesuita padre Franco e os de sua escola na condemnação do hypnotismo, que o dominicano padre Coconier e tantos outros julgavam lícito e natural em these?
Assim pensava eu, e, pois, continuei a fazer prodigios com a hypnose, servindo-me de suggestões verbaes e mentaes. Minha habilidade não diminuira sensivelmente depois da conversão. A prática dos sacramentos me parecia sufficiente garantia contra as surpresas do preternaturalismo.
A cada successo nesse terreno, eu me regubilava em referil-o para a confusão de alguns superstitciosos partidarios do padre Franco.
Um dia, porém... mas contemos, antes, o caso.
Sonou-se elle no mesmo consultorio em que trabalhavamos eu, o dr. Lopo Diniz e o professor Lima Castro.
Duas jovens esperavam o dr. Lima Castro, quando entrou o dr. Lago Cesar. Uma das moças, que o conhecia, dirigiu-se a elle e disse-lhe que a irman, ouvindo-o pronunciar o meu nome, resolveu logo consultar-me e pedia-lhe que conseguisse de mim [illegible]-a.

Escusei-me como devia: a doente viéra a consultar outro medico, devia esperal-o.

Insistiu, porém, a irman allegando que O××× assim se chamava a paciente, ainda não fôra vista pelo meu collega; condescendi em ouvil-a.

A mim acudiu a irman dizendo-me que a doente estava muda: que tinha gastado tudo quanto possuia em consultas e tratamentos medicos; que já lhe haviam cauterizado a garganta diversos facultativos, sem o menor resultado; que perdera a voz muitos mezes antes, subitamente, mas que se fazia entender pelo movimento dos labios. Estava O××× privada do exercicio de sua profissão: era professora.

O caso era de aphemia ou alalia por aphonia, isto é, simples paralysia dos musculos vocaes. Pareceu-me evidente a indicação do tratamento hypnotico. Não havia outro symptoma ou estygma suspeito de hysteria.

Ouvida a minha proposta, procedi immediatamente á applicação do processo mais simples — a fixação do olhar e a suggestão verbal do somno. Adormecida facilmente a enferma, fiz algumas experiencias para verificar a completa hypnose: o automatismo e o estado cataleptico.

Ordenei-lhe que, ao despertar, falasse. O resultado foi completo. A alegria da mãe e da irman e o applauso dos assistentes lisongearam-me bastante.

Recommendei que O××× voltasse ás consultorias, duas vezes por semana, para que continuassem as hypnotisações, e assim conseguissemos a persistencia da cura.

Informado que a enferma fôra educada religiosamente, e, mesmo, fôra Filha de Maria, mas que abandonára a pratica dos Sacramentos — naturalmente reduzida pelo espirito de impiedade de certas lições da Escola Normal — aconselhei-lhe a frequencia da Communhão, de

accordo com a disciplina da Pia União.
Voltou ella ao consultorio, e com a maior facilidade consegui, desde as primeiras visitas, a obediencia passiva e até a execução de suggestões mentaes. Foi isso verificado por varias pessoas, pois não recusava ella ser vista no estado de hypnose.
Alguns mezes depois, apparece-me a irman, muito afflicta, porque a mudez (aphonia) de O××× se reproduzia como dantes.
Tranquillizei-a garantindo-lhe que bastaria vir ella á consulta, e eu a curaria immediatamente.
Ora, poucos dias antes, fôra eu consultado por um seminarista ordinando, que soffria de terrivel nevralgia facial. Sobreviera-lhe a molestia nas vesperas da ultima ordem sacerdotal, e por isso não a recebêra.
Submettêra-se a varios tratamentos, sem vantagem alguma. Fôra á Europa, consultára grandes medicos de varios paizes, e tudo fôra em vão. Propuz-lhe o hypnotismo, recusou por lhe parecer suspeito esse meio. Consultando, porém, o seu prelado, obtivéra licença para ser assim tratado por mim. Desejava, porém, vêr algum caso de hypnose para se decidir. Ora, era isso uma condição favoravel de ambos, acquiesci.
A occasião era propicia, marquei-lhe o dia em que viria a O×××. Della obtive o consentimento de se deixar vêr hypnotizada.
Estava anciosa por se restabelecer. Recolhi-me ao gabinete com ella e a irman e ordenei-lhe que dormisse. Nada!
Empreguei a fixação da vista, a suggestão verbal gradual, depois imperiosa. Fechava os olhos, mas não dormia.
Chorava, vendo falhar aquelle recurso de que tanto esperava.
Depois de mais de meia hora de trabalho, desisti.
Tentei hypnotizar o seminarista; nada consegui.
Quando se iam retirar, a moça e o ordinando, e a minha

V

decepção muito e muito me affligia, disse-me a irmã de Cr.ᵒ que esta commungara uma vez depois da primeira cura, e nunca mais voltára a mesa eucharistica... Não seria por isso que ella não conseguia mais restabelecer-se? — accrescentou ella timidamente.

Então, subitamente, occorreu-me a suspeita da immensa[1] superioridade da acção religiosa sobre a mysteriosa hypnose... e talvez o antagonismo das causas de uma e outra.

Lembrei-me dos sorrisos dubios de alguns sacerdotes illustrados e piedosos, meus amigos, quando eu me enthusiasmava referindo-lhes meus prodigios de hypnose e suggestão...

Phosphoreceram-me na mente as opposições terminantes de outros a que se submettessem os seus penitentes a essa therapeutica; opposições que me irritavam contra taes puritanos, ainda quando eram respeitabilissimos como Mons. Molina, por exemplo...

Mais energica do que essa recordação, occorreram-me as repugnancias intuitivas, quasi instinctivas, de algumas senhoras piedosas contra as mais simples propostas de hypnose.

Tudo isso explodindo no meu espirito, voltei-me á enferma dizendo-lhe:

— Sua Mãe, Nossa Mãe Santissima, não quer que você se cure com estas patacoadas suspeitas. Vá-se embóra. Commungue amanhã, e falará.

E ao ordinando disse intencionalmente.

— Senhor padre, não pense mais em se curar de sua nevralgia. Porque o senhor será um bom sacerdote, o demonio procura obstar a sua ordenação. É uma provação, vença-a com a graça de Deus e ordene-se.

x x x

1º — O grypho é nosso —

Tudo succedeu como eu previra.

A moça, logo após a Communhão, restabeleceu-se. Continuou na sua profissão e commungando mensalmente, saroou definitivamente. Uns dois annos mais tarde, casou-se e tem tido varios filhos.

O padre ordenou-se, e não teve mais nevralgias. É um vigario zeloso e estimadissimo em um dos Estados do Norte."

Agora, pergunto eu ao leitor que teve a paciencia de me seguir, não é deveras isso a apologia da religião, como meio therapeutico, sobre o hypnotismo? Vejo, porem, os labios do incredulo se contrangerem num sorriso de piedade e indifferença... Um homem de uma certa cultura admitir... Antecipo-lhe a ironia. As palavras de Jesus não podem ser mais formaes e cathegoricas: Eu sou o caminho, a verdade e a vida.[2] Que procura o enfermo? O meios de adquirir a saúde, i. é, a vida. Procure-a, pois, em Jesus que a encontrará. Deseja restabelecer da doença que o mina? procura Jesus. Eu sou a resurreição e a vida,[3] diz-nos elle. Busquemol-a nelle, porque é nelle que está a nossa vida, refere S. Paulo.[4] Permaneçamos com elle numa vida que não terá limites. A vida que presentemente levamos é uma vida passageira e transitoria. O medo de perdel-a obnubila constantemente o céo azul da nossa felicidade. Quaes os, temos desejo de alcançar a felicidade completa? procuremos primeiro a eternidade da vida. A promessa e conseguil-a Deus formulou peremptoriamente, para os que se alimentam de sua carne e do seu preciosissimo sangue: Si alguem comer destê pão viverá

Dr. Felicio dos Santos — Casos reaes a registar, p. 114 — 2° S. João. Evangelho cap XIV 3° cap. XI — 4° S. Paulo — Aos Col. cap III —

eternamente e o pão, que eu darei, é a minha carne para ser a vida do mundo.[1] Resta, pois, que marchemos, processionalmente, cheios de confiança, para a mesa eucharistica, em que Jesus distribue prodigamente suas ineffaveis graças, mézinhas efficacissimas, que aos cegos dão a luz, aos mudos a fala, aos surdos a audição, aos loucos a razão, aos infortunados a resignação e a felicidade.

Cumprida a nossa promessa de offerecer um meio seguro e efficaz de cura, pela extensão que já vae tomando o nosso trabalho, somos constrangidos a encerrar aqui o assumpto do hypnotismo, dispensando-nos de mais commentarios a seu respeito. Passemos, por conseguinte, ao

Espiritismo.

Hoje em dia ninguem ignora o rapido incremento que entre nós vai tomando o espiritismo. Isto já foi notado pelo Dr. Maxwell: "O espiritismo vae a seu tempo e corresponde a uma necessidade geral." A extensão que toma esta doutrina é um dos mais curiosos phenomenos da época actual." Um ligeiro reparo, apenas, nos suggerem essas palavras que citamos. O espiritismo, tal como se pratica, não corresponde a uma necessidade geral e nem por ella se póde explicar a sua propagação rapida por quasi todo o mundo. Antes, a novidade da doutrina e a curiosidade tão caracteristica dos homens têm sido os factores da sua diffusão. Com effeito, que necessidade temos desse

---

1º — S. João — Evangelho — cap. VI —

espiritismo que por ahi corre? Verifica-se, por ventura, a aspiração que a humanidade, desde o homem da phase gregaria ao homem da edade moderna, nutriu sempre bivida e intensa? Não, porque o espiritismo de nossos dias ou é uma burla ou uma inconsciencia. Não nos fornece, portanto, o mysterio de um outro mundo, não nos assegura o que existe de positivo para além dos humbraes que não é dado a nossa critica devassar. Onde a necessidade, pois?

O seu progresso é devido unicamente aos factores atráz apontados. A' novidade do primeiro momento, em que se dispensou, tal o phrenesi que se apoderou mesmo de espiritos cultos, a analyse fria e arguta, já vai seguindo um periodo mais moroso que não participa do enthusiasmo acachoante e inconsiderado do anterior.

Gabriel Delanne desce da sua cathedra, em que pontifica como chefe do espiritismo mundial e declara, são palavras delle, que "o phenomeno espirita é muito menos frequente do que se suppõe em certos meios." E, continúa: "A intervenção dos mortos é extremamente rara, sobretudo experimentalmente. Na maior parte dos casos observados no espiritismo communicação de vivo a vivo". E' um desmentido quasi formal aos casos muito communs de incarnação espiritual. Quem ainda não observou essa caterva de hystericas e nevropathas, que em torno de uma mesa sentadas, de repente começam a estremecer em contorsões febris, enquanto se lhes esbugalham nas orbitas os olhos espantados de medo? Isso é mais do que commum. São, asseveram elles, os espiritos novos, os casos de manifestação de espirito.

como, pois, se póde dar isso communmente, se Delanne affirma que "a intervenção dos mortos é extremamente rara"?!

Não será, por ventura, a doutrina de Delanne nesse particular muito semelhante á de Sto Thomaz? Delanne diz que é extremamente rara a intervenção dos mortos, Sto Thomaz, o mais santo dos sabios e o mais sabio dos santos, que só um milagre a poderia explicar. Não vêm, afinal, se confundir as duas opiniões? Não ha que negar. Porque, então, tanto barulho de fanfarras e clarins com que nos azoinam os pobres ouvidos os esclarecidos e illuminados discipulos de Kardec? A razão é simples: os snrs. espiritas, levados pelo impulso immoderado de combater a Igreja de Christo, abstem-se de estudal-a, de conhecel-a de perto, penetrar a sua doutrina intimamente. Aquelles que leem simplesmente pela cartilha de Allan Kardec, na sua maioria ignorante, sem ter o senso critico e o necessario discernimento em materia religiosa, vão engulindo as pilulas do mestre, crystalizadas em um evangelho entendido a sua moda e revestidas de uma philantropia apparente mais do que real. Taes homens são verdadeiramente religiosos, convictos da superioridade do seu crédo? Não; porque dahi só saem fanaticos incoherentes, de uma intransigencia que chega causar dó. Certa vez, discutia sobre logica de Aristoteles um dos taes, com o auctor destas linhas. Discutir não é bem; esbravejava toda a verrina do seu despeito de fanatico contra a Egreja Catholica, os padres, etc. Os presentes ficaram seus olhos sobre mim, como que esperando a contradicta vehemente que eu devia oppôr-lhe. Recuar em semelhante occasião, seria dar

exagôfanfarronadas da parte do adversario. Muito calmamente indaguei-lhe os motivos do seu odio contra a religião catholica. Depois da sua exposição que abundava em factos adulterados, com certeza impingidos por algum irmão mais letrado, a argumentação de sempre: a Inquisição, S. Bartholomeu, etc, expuz-lhe claramente a verdade dos factos. Pensa o leitor, que o nosso espirita me retrucou? Nada. Limitou-se, apenas, a soletrar as desculpas da inconsciencia: ouvi falar, não sabia. Dias após, voltou á carga com nova méise de argumentos. Desfiz-lh'os um por um. Metteram-lhe em cabeça que eu, systematicamente, com despreso da historia, defendia a Egreja. Desde então começou a evitar-me e de longe, sómente, me cumprimentava com zumbaias disfarçadas. Era, talvez um simples que a asneira espirita demonstéára por completo. E como esse, tantos outros.

São, então, todos os espiritas ignorantes? Todos, absolutamente, não; a maioria, é quasi certo, padece desse mal. Ha homens da tempera de William Crookes, Flammarion, Conan Doyle... que se deixaram illaquear nas malhas do espiritismo.

Quanto a Williams Crookes não podemos chamal-o um espirita convencido, porque, após suas celebres experiencias, veiu a duvida apoderar-se de sua alma de observador, na confissão publica que fez: "Se me apresentassem hoje pela primeira vez essas pesquizas, eu escolheria um ponto de partida differente do que escolhi. Começaria pela Telepathia... E' anticientifico tomar como guia agentes mysteriosos, quando as vibrações do ether podem dar conta de tudo"... E o caso de Kate Kung? O pobre sabio foi illudido na sua simplicidade de homem de bem.

Florence Cook que o medium Home apóda de fraude e mostra como indignamente enganou o illustre sabio, tomando a apparencia de Kate King, foi presa mais tarde, em flagrante fraude, na Associação dos espiritas, realizada em Londres, no anno de 1880.[1]

E Camillo Flammarion? Um Janus de duas caras. Ora assevera que as suas experiencias acerca da sobrevivencia das almas lhe têm demonstrado o contrario: "Almas dos mortos? Está muito longe de estar demonstrado: mas innumeraveis observações que tenho multiplicado ha mais de quarenta annos, tem me tem provado o contrario."[2] Ora que "a sobrevivencia da alma pode ser hoje scientificamente demonstrada"[3] Quid inde? O julgamento de tal caracter fica ao cargo dos snrs. espiritistas.

Conan Doyle, que dizer dessa alma grande, que rasgou em golpes de buril na pedra da litteratura mundial a figura sympathica e casta de Sherlock Holmes? Que é um credulo demais. Com effeito, é essa a opinião que fazem delle os homens sensatos. O medium que lhe appareceu sobre a fórma do filho morto confessou annos depois, toda a sua fraude e ao credulo Conan Doyle fez alvo na Inglaterra dos mais vehementes e desmedidos motejos. Pobre escriptor!

São essas as columnas indestructiveis que, com a aureola do seu nome, aliás merecida por outros titulos, mantem de pé, sob a forma apparente

---

1º Ler "La fin du monde des esprits" — Davis — 2º Les forces naturelles inconnues, p. 538 — 3º Le Matin, 14 de Setembro de 1922

de sciencia, o espiritismo da edade coeva. Tres almas bôas, mas simples.
E os portentos que nesses ultimos annos tem produzido o espiritismo? Um delles, o principal, é a materialização dos espiritos. Materialização de espiritos, não é devéras prodigioso? Certamente. Examinemol-a, porém.
Paulo Mathiex conta os seguintes factos: "Em 1894, Miss William, medium americano, veio a Pariz e tratou de apresentar as materializações de um doutor de longa barba e de uma filha delle vestida de branco. Leymarie, redactor da "Revista Espirita", e tres de seus amigos se propuzeram surprehender qualquer embuste que houvesse. E, com effeito, quando, após algumas sessões, appareceu a figura do citado doutor, acompanhado de sua filha, Leymarie deu signal a seus comparsas e, emquanto um prendia Miss Williams, dous outros tomaram a seu cargo as apparições e um quarto illuminou o salão. Então foi visto Leymarie lutando com Miss Williams, que dava gritos e se defendia furiosamente; era ella que, envolta em gazes negras, disfarçada com um gorro e barbas postiças, fargia a apparição do doutor. A joven que devia acompanhar o velho, não era mais que uma mascara coberta com um largo véo e que Miss William levava na mão esquerda, emquanto com sua mão direita puxava uma corda com um apparelho proprio para produzir as variadas luzes coloridas, que circundam as apparições. Assim ficou descoberta a tramoia. A larga vestimenta com que se apresentava a angelicosa espirita podia fazer desapparecer rapidamente, conseguindo assim mudar de fórmas e apre-

entam-se segundo seu gosto.
Eis como procedia: uma vez escuro o salão, despojava-se de uma longa tunica; e de um sacco, occulto no bolso da mesma, tirava os phantasmas que lhe serviam para a variada materialização dos espiritos; obtida esta pretendida materialização, repunha com grande habilidade seu vestido e era encontrada amentada em uma cadeira, onde estava no principio da sessão e em um estado de prostração quasi de catalepsia. Sendo ventriloqua, sabia imitar perfeitamente varias vozes, desde a voz rouca de um velho até a voz chorosa de uma criança" (Os do Maravilhoso).
Agora, dizemos nós, não é, na verdade, simplesmente phenomeno de materialisação, que embasbacou tantos pobres de espirito? Todavia...
Em circumstancias identicas foi desmascarada uma competidora de William, Miss Cadwel, por alguns redactores do Word.
Outro facto: "Preparava-se o medium Ebstein, diz o "Daily Telegraph", para fazer apparecer os espiritos dos defuntos em um hotel muito seu conhecido. Em meio de densas trevas estavam os espectadores, quando subitamente se accendem lampadas electricas e apparece aos espectadores o que servia para representar o espirito invocado: um manequim cheio de pinturas luminosas"
Bastam os exemplos apontados para concluirmos que ha no espiritismo muita inconsciencia, muita farça e tambem alguma coisinha de demonio. Ha phenomenos physicos que a custo se poderiam explicar, mas que são meramente physicos e phenomenos preternaturaes. Precisamos analysal-os bem para

bem os distinguir.

Um caso typico do espiritismo burlão. Trata-se de um curador espirita que é consultado por varias pessoas.

— Seu Abalo, a mim dóe-me o pé

— E a mim dóe-me o nariz. Qual dos dois é mais feliz? Passe para cá essa dôr do pé. Pé ante pé. Passou?

— Ainda não, senhor.

— Paulina. Porque aquella rapariga está com o pé doente?

A preta Paulina, que estava encarregada de ouvir o invisivel, replicou em voz abafada:

— Porque tem 73 namorados.

— Mas, seu Abalo, eu sou casada e tenho um filho, respondeu timidamente a consultante.

— Então, por você ser casada, não póde namorar?

— Não, senhor; commigo não ha disso.

— Esses reporters que andam pelo invisivel são mentirosos; mas o que vale é que eu os conheço. Fechem os olhos! Todos! Bom. Agora abram os olhos, para verem a passagem de S. Miguel. Um, dois, tres.

E deu um murro em cima da mesa, fazendo cahir o castical e apagar a véla.

— Viram-n'o passar?

— Sim, senhor! responderam em côro todos os presentes.

— Pois bem, agora vou terminar. Acho-me um pouco cansado, e é tarde. Tenho pressa; mas, como Napoleão, digo: devagar, que tenho pressa!

Reuniu um pouco, sentado, para tirar da gaveta algumas brochurinhas, que foram espalhadas sobre a mesa.

— Temos aqui estes livros, que nos foram enviados pelo

proprio Deus, em pessôa.

Emquanto o espirito acabou de declarar que as brochuras, impressas numa typographia da Cidade Nova, eram de tão alta origem, a turba tomou uma attitude de quem vae receber o Nosso Pae á hora. As brochurinhas eram o Livro Divino, contendo rezas que as velhas ensinam ás crianças."[1]

O que apresentamos acima é uma simples amostra dos factos observados pelo nosso extincto escriptor João do Rio. O seu livro "Os dias passam..." está cheio de casos analogos.

Um facto mais e deixaremos em paz a alma de João do Rio. Espirito observador, anciava por presenciar ao menos um acontecimento que lhe demonstrasse no espiritismo o mysterio do Além, do mundo das almas, e não obstante, cada dia mais uma decepção lhe reservava. Conta no seu citado livro e caustica com a sua verve habitual, o facto que passamos a reproduzir:

"A sessão começava. Anna, a presidente dessa sociedade de caridade, centralizava as attenções geraes. Alguns ficavam nas atrações no corredor. Mas a maioria estava alli dominada, presa, amarrada á attracção irresistivel da creatura: velhas, negras, mulatas, homens feitos, de barba na cara, e principalmente — ó deuses clementes — meninas dos treze aos dezenove annos, meninas em pleno vigor da vida, desequilibrando os nervos, vivendo a hystericas, sob a suggestão macabra da creatura atroz. E o medium, pernostico e ignorante, para essa assembleia de hypnotizados, incapazes de reflectir, de pensar um segundo, recebia cynicamente

---

1º — Os dias passam... — João do Rio — p. 245

coisas de dar vontade de saudil-o pelas orelhas no carcere, para não illaquear os papalvos com tão deslavadas pantomimices.

Na primeira sessão chegára uma rapariga doente. A mãe segredou a molestia ao ouvido da presidente e esta, ouvindo o medico, derramou-lhe na cabeça um balde de agua, com risco de deixal-a apenas morta. Não contentes com isso, a um velho que se dizia rheumatico deram uma esfrega para espantar os diabos, com tanta força, que mais parecia uma sóva. O velho não pagára. Quando ainda não se contivera o riso, deante de taes barbaridades, feitas em plena cidade, numa casa de portas abertas, com o consentimento geral, o medium resolveu estrebuchar e bradar:

— A paz seja comvosco, irmãos...

— Quem sois?

— Nosso Senhor Jesus Christo!

Sim! Textualmente, com estas palavras, Jesus, em espirito, vindo expressamente para dizer saudices á linda frequentadora portugueza...

E não foi só. Appareceu uma outra especie de Jesus na sessão seguinte. Esse Jesus intitulava-se, com a maior (superioridade) seriedade, o espirito do Senhor Morto. Ao vêr o medium cahir no chão, espichar o corpo, cruzar as mãos no peito e dizer "A paz seja comvosco", pensei que fosse uma excentricidade, a mais, do covil explorador. Mas, quando perguntaram ao corpo do malandro quem era, e o medium respondeu: "Eu sou o espirito do Senhor Morto!" fiquei litteralmente cismado. Que pensava Toda aquella gente? De que massa eram compostos os cerebros do pessoal frequentador de taes reuniões? Parecia impossivel que aquellas velhas, aquel-

---

* O grypho é nosso.

les homens, aquellas raparigas de nucas suadas e contracções espasmodicas, acreditassem, chegassem a imaginar um espirito especial do Senhor Morto. Era a jelotiguice desenfreada jogralisando com a crendice mais baixa e mais assustadoramente ignorante. Entretanto a desfaçatez da hypnotizadora e do seu medium amestrado ia além.

Chamado o Senhor Morto ergueu-se passou a ser o Senhor Vivo para fazer um discurso, uma predica solemne:

— Quem não cumprir as ordens da presidente desta santa casa não póde ser feliz. Vende attenção. Muito breve, mesmo muito breve, esta cidade será levada por uma grande revolução e pela fome.

— Eu me diz, irmão?

— A verdade. A revolução está ahi pertinho. Eu vejo ella. E a fome ha de vir, ha de vir. Quem não cumprir as ordens da presidente desta santa sessão não pode ser feliz.

Na terceira sessão, Christo deixou-nos em paz; mas appareceu S. Jorge. Nesse dia a viuva sensacional não estava e a portuguezinha, no meio da manada de anemias poseuses, amegalava os olhos, num extase de susto. S. Jorge devia impressional-a. De resto, impressionava a toda a gente, pela razão simples de que a Anna presidente julgava todos os presentes doentes.

— Mas não tenho nada, D. Anna...

— Você está cheio de espiritos maus, que atrazam a sua vida. Vou dar-lhe umas hervas.

Herva, ainda é bom. O costume é aspergir ou dar um banho, quasi, na victima dos espiritos. E foi exactamente nessa occasião que eu ouvi uma tosse qualquer, sem importancia, ser considerada "macaco na garganta"

— Sabe que tem você? indagou Anna

— Eu? não, senhora.

— Pois, minha filha, você o que tem é macacos na garganta. Vamos tirar isso.

E com auxilio de passes complicados, a presidente mais o medium tiraram da garganta da mulher, pallida de medo, a groza de macacos invisiveis que lá lhe faziam cocegas. A série de pilherias seria para fazer rir, se não tivesse o seu lado grave: a obsessão de uma porção de moças e a especie de escravidão em que a Aminhas mantém toda a redondeza, sem que se possa saber ao certo o justo motivo de tal horror. A tragica mulher sabe do casamento, dos namoros, das complicações amorosas de todas, manda-as buscar ás respectivas casas, intima ás mães a entregal-as para as sessões, suggestiona-as a acceitar este ou aquelle homem. É macabra."

Inconsciencia ou burla? Uma e outra coisa ao mesmo tempo. Essa peste de espiritismo é a que grassa mais entre nós. Onde, então, a manifestação do preternatural? Muita coisa se explica no espiritismo, e muita permanece fechada para os olhos mais perspicazes.

Tudo que pudermos elucidar por causas naturaes, embóra não plenamente conhecidas, devemos esclarecer; quando, porém, as nossas experiencias e observações nos levam a um ponto diametralmente opposto, impossivel de conciliar-se com as causas naturaes, que nos resta? O recurso do preternatural. Tanto mais que, por varias vezes, conforme o testemunho de pessôas graves, os espiritos, que se incarnam no medium, têm confessado abertamente ser os proprios demonios.

O Dr. Felicio dos Santos, já citado por nós em outro lugar, refere o seguinte facto:

"No dia 13 de Junho, por acaso, passei pela casa de um amigo, onde fizéra, com elle e outros, muitas experiencias

espiritica. Fôra mesmo ahi que eu me convencêra, uns quatro annos antes, da realidade dos factos, soffrendo com isso a maior crise psychologica de minha vida.
Entrando, sem me fazer annunciar, até á sala de jantar, deparei um espectaculo curioso. Havia uma duzia ou mais de mêsas espiritas, trabalhando umas trinta pessôas em grupos, e servidas por mediuns escreventes, falantes, de transportes, etc. Estavam tão attentos que não me viram chegar.
Acerquei-me da mêsa mais proxima da porta.
— Quem está presente? — perguntava o director da mêsa.
— "Antonio de Padua"! — leu outro no papel em que escrevia uma medium.
— Oh! Será elle?
— "O mesmo que se chamou Fernando de Bulhões... Aquelle cujo setimo centenario celebraram ha dois annos" — escreveu a medium.
— Santo Antonio de Padua e Lisbôa! — exclamaram os outros. — E vem á nossa mêsa!...
— Esperem — disse eu, intervindo. — Os espiritos não têm o dom da ubiquidade. Neste momento, deve estar sendo evocado esse Antonio de Padua em milhares de grupos. E havemos de crêr que esteja elle aqui?
— Oh! Sim. Elle nos prometteu vir hoje.
— Vejamos! — disse eu.
E, tomando uma medalha de S. Bento, que sempre trazia commigo, escondia-a na palma da mão e appliquei-a sobre a mesa, dizendo:
— Tu não és Antonio de Padua!
— "Não" — escreveu a medium — "sou"...
— O pae da mentira! — disse eu com energia.
Foi como si um raio tivesse cahido alli!

A medium atravessou o papel com o lapis phreneticamente, rasgando-o em pedaços, e tombou por terra, com a mêsa virada de pés para cima".[1]

Os espiritas, é certo, não admittem a existencia do demonio que para elles não passa de uma creação ou melhor invenção da Egreja, são palavras delles, para infundir medo ás almas dos incautos. Pobres espiritas! Com que então, o demonio é uma invenção da Egreja? Ah! ignorancia, ignorancia, como és estupida! Como obumbras com o teu véo de nuvens cerebros, que, talvez, na tua ausencia, expandiriam irradiações da mais vivida e intensa luz! Infeliz do que te cae nas garras! Escravo da mais vil e abjecta escravidão! O sol refulge, nos horizontes da patria, em scintillações, da mais pura claridade e o ignorante não o vê, porque lhe faltam os olhos de vêr; a terra entôa a epopéa triumphal da ordem e harmonia, que sóbe e se espirala no espaço, confundindo-se com a musica do gyro das outras espheras, num concento admiravel de sons melodiosos, e o ignorante não a ouve, porque lhe faltam os ouvidos de ouvir. Para elle as flôres não têm perfumes, a orchestra dos passaros sob a glauca ramaria das arvores copadas não têm encantos, a polychromia dos quadros mais suggestivos e impressionantes da natureza é de uma insipidez que horripila. Pobre infeliz! O immenso poema da creação, desde o vermiculo perdido no turbilhão das coisas, ás massas gigantescas que se movem perpetuamente ao influxo de um braço que as governa, tudo isso é um enigma que se abstem de

---

1 — Dr. Felicio dos Santos — Casos reaes a registar, p. 96.

analysar e de conhecer, porque as trevas que o circumdam, impedem-lhe o recto uso das suas faculdades. O véo do mysterio encerra-o num circulo de ferro, e o misero se estorce e o misero se agatanha, como um leão encadeiado nas robustas grades de um carcere. Desventurado mortal! Pende a flôr do seu caule numa profusão de olôres que embriagam, envia-lhe a estrella da tarde a sua luz beatifica que desperta estremecimentos de gozo nas boninas do prado e nas rosas do vergel, e o mal aventurado passa indifferente, mudo, cégo, como uma azenola albardada, cujo almocreve é a propria estupidez. Espirito mesquinho, pede aos céos que te esborrachem ao peso "dos seus milhares de lustres scintillantes"; pede ao mar que te sorva de um só haustro, para que, assim, te furtes aos grilhões que te algemam; pede á terra que abra sob os teus pés a cratera de um Vesuvio, para que, a tua carcassa de reprobo se afunde no abysmo das materias inflamaveis e o teu corpo se transforme em cinza para fecundação de outros corpos e de outras vidas! Não! Tu, tambem, tens direito á existencia! Na economia da creação occupas um logar previlegiado, como as maiores cerebrações. Os maiores genios passaram pelas etapas, em que hoje te deténs. Toda uma eternidade gastou Deus com o pensamento de um dia te lançar no mundo. Talvez, nesse teu cerebro de animal estupida, esteja latente a scentelha auripulgente de um pensador profundo! Circumdam-te as trevas? Clama como Goethe moribundo: Licht! Licht! Luz! Venha a luz!

E a luz ha de vir! E a luz te esclarará!
A Egreja, snrs. espiritas, não foi a inventora desse titere, como dizeis, que estupefica as consciencias timoratas. Lêde a Biblia, lêde os Evangelhos. Com effeito, que vos dizem elles? Ouvi-os:
"E tendo chegado á outra parte do lago ao paiz dos Gerasenos, sairam-lhe ao encontro dois endemoninhados que saiam dos sepulcros em extremo furiosos, e de tal maneira que ninguem podia passar por aquelle caminho. E logo clamaram, dizendo: Que tens tu comnosco, Jesus filho de Deus? Vieste aqui antes de tempo para nos atormentar? Estava pois não longe d'elles uma manada de porcos pastando. Os demonios porém o rogaram dizendo: Se nos expulsas d'aqui manda-nos para a manada de porcos. E elle lhes disse: Ide. Então elles saindo, passaram para os porcos, e logo toda a manada correu impetuosamente por um despenhadeiro para o mar, e morreram nas aguas." Não é bem clara a linguagem do evangelista?
Seria, por ventura, um espirito qualquer atrazado,[2] esse que o apostolo nos depara? Não. Si o fosse, elle, por certo, não clamaria as phrases: "Que tens tu comnosco, Jesus filho de Deus? Vieste aqui antes de tempo para nos atormentar?", o que mostra, á evidencia, que nenhuma communidade de pensas[1] entre o espirito immundo e Jesus. Um espirito atrazado não repelleria Jesus, e, embóra envergonhado por seus crimes, o procuraria até, sabendo-o, como se sabia em toda a Judéa, que elle era o pae das miseri-

---

1 – S. Matheus – cap. VIII – 28 — 2º Os espiritas dizem que os espiritos atrazados que se pódem aperfeiçoar

cordias.

Mais adiante S. Matheus nos relata outro facto de possessão diabolica:

"E tendo-lhe partido, logo lhe apresentaram um homem mudo, possesso de demonio. E expulso o demonio, fallou o mudo, e se admiravam as turbas dizendo: Nunca se viu assim em Israel. Os phariseus, porém, diziam: Em virtude do principe dos demonios é que elle expulsa os demonios."[1º]

S. Lucas refere um facto muito semelhante ao que atraz mencionamos:

"E estava na synagoga um homem possesso do espirito immundo e exclamou em alta voz, dizendo: Deixa-nos! que temos tu commosco, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos? Sei quem tu és, o Santo de Deus. Mas Jesus o reprehendeu, dizendo: Emmudece e sae desse homem. Então o demonio lançando-o por terra no meio de todos, saiu d'elle e não lhe fez mal algum."[2º]

Um pouco mais abaixo, o mesmo evangelista narra que Jesus, expulsando os demonios, curava muitos enfermos. "E, quando foi sol posto, todos os que tinham enfermos de diversas molestias, os traziam a elle. E Jesus, pondo as mãos sobre cada um d'elles, os curava.

E saiam os demonios de muitos, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus; mas reprehendendo-os, não lhes permittia dizer que sabiam que elle mesmo era o Christo."[3º]

A existencia do demonio no tempo de Jesus, como podemos aquilatar dos exemplos citados, era real.

Passemos a examinar, si, depois de Christo, os demonios

1º S. Matheus - cap. IX - 32 — 2º S. Lucas - cap. V - 33 — 3º S. Lucas - cap. V - 40 —

tornaram a apparecer. Não é mistér que enumeremos aqui os casos de possessão diabolica, occorridos depois da Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo. Que seria um facto real a continuação da existencia dos demonios entre os homens, nol-o demonstram as palavras textuaes de Jesus Christo aos seus discipulos:
"E pondo-vos a caminho, pregae, dizendo que está proximo o reino dos céus. Curae os enfermos, resuscitae os mortos, alimpae os leprosos, expulsae os demonios[1]..."
Não sómente aos apostolos foi conferido o poder de expulsar os demonios, mas desse poder tambem participariam os que n'Elle, Jesus, acreditassem.
"E lhes disse: Ide por todo o mundo, pregae o Evangelho a toda a creatura. Aquelle que crer e fôr baptizado, será salvo, o que porém não crêr será condemnado. E estes signaes seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demonios..."[2]
Já se alonga demais o presente trabalho e por isso, dispensamo-nos de citar aqui factos de possessão diabolica, verificados no tempo dos apostolos e dos primeiros christãos.
S. Paulo[3] adverte aos ephesios para que não "deem logar ao demonio" ou diabo que é a mesma coisa; S. Pedro[4] diz que o "demonio anda como um leão rugindo, procurando quem devore"; S. Thiago[5] ordena que "se resista ao demonio, que elle fugirá".
Ora, todos esses factos, todas essas adversões seriam uma péla patacoada si o demonio, de facto, não existisse. Jesus um louco, um farcista; os apostolos, uns

---

1º - S. Matheus - cap. X - 8 — 2º S. Marcos - cap. XVI - 15 — 3º S. Paulo — Aos Eph. - cap IV - 27 — 4º S. Pedro - 1ª cap V - 8 - 5º S. Th. cap IV - 7

defraudadores da verdade.
Kardec pontifica que o demonio não existe; Jesus,
Todos os Apostolos dão testemunhos da sua existencia
A quem seguiremos, a Kardec ou a Jesus? Um dos dois,
ha de ser mentiroso. Jesus, aquelle que deu o maior
exemplo de abnegação que jamais temos presencia-
do, que, não contente de se fazer homem, derramou
o seu sangue até a ultima gotta para a nossa
regeneração nos braços de uma cruz? Não. Jesus
não póde, não é um vil mentiroso. A quem, então,
compete essa pécha? A Kardec, a esse cretino Kardec,
a esse miseravel Kardec, que, com as suas doutri-
nas falsas, mancommunado, quem sabe? com o
proprio demonio, vai remettendo, em grosso e em
sello, para as alfandegas do injenio, as almas de tantos pobre-
zinhos, que, descuidados, se deixaram illaquear
na sua bôa fé.
Não é já uma demonstração clara da existencia
do demonio, elle, o inspirador do espiritismo na maio-
ria dos seus casos, suggerir ao fundador de tão cala-
mitosa seita um desmentido formal ás palavras
de Jesus e aos testimunhos dos Apostolos e tantos
santos? Não ha que negar.
Acautelemo-nos, pois, da doutrina espirita, guar-
demos no intimo de nossos corações, a religião hya-
lina dos nossos maiores, a religião Catholica.
Kardec é um prophéta; Kardec annuncia cousas no-
vas, em opposição, ás maximas de Christo.
Temos, porém, para nossa bussola, a exhortação do Nos-
so Divino Salvador: Guardae-vos dos falsos prophe-
tas, que veem a vós com vestidos de ovelhas, mas
interiormente são lobos roubadores. Pelos seus fructos

os conhecereis". Quaes são os fructos do espiritismo, respondem os senhores encarregados dos hospicios. 1º A conclusão, portanto, é que Kardec é um falso propheta; Kardec é um embusteiro; Kardec é um corruptor dos solidos principios moraes e religiosos dos ensinamentos de Jesus, conservados e transmittidos, na pureza da sua origem, pela sua representante na terra, a Egreja Catholica. Guerra, pois, a Kardec! Abaixo o espiritismo!

* * *

Um facto, muitas vezes observado, é o transe desta vida para a outra, de muitos discipulos de Allan Kardec. No momento da agonia, depois de uma vida inteira consagrada a malsinar a Egreja, a invectival-a com as mais atrózes calumnias, sentem o remorso, "o cacador de feras" na phrase de Junqueiro, remader-lhes a consciencia e contrictos pedem um padre para fazer a sua reconciliação com Deus e assistir-lhes os derradeiros instantes. E o padre vai alegre, e o padre vai jubiloso traçar sobre o moribundo as suas bençams de perdão, em nome de Deus: Ego te absolvo... Discipulo digno de Jesus, que primeiro perdoou aos seus algozes: "Perdoae-lhes..."

Vae Mons. Elie Méric, o que diz do espiritismo na França, podemos nós dizer no Brasil. Com effeito, assevera elle, no seu livro "L'imagination et ses prodiges" que: "Personne n'ignore que la pratique du spiritisme, reconnue très dangereuse, au témoignage même des esprits, a augmenté dans des proportions lamentables le nombre des fous, dans notre pays."

Do espiritismo no Brasil fala o grande clinico Dr. Afranio Peixoto numa resposta que deu ao snr João do Rio: "Não tenho, porém, pratica alguma do spiritismo militante. Apenas lhe conheço os effeitos: no Hospicio, na clinica, na observação da vida, no serviço medico-legal, como alienista, medico perito."

V –